



LABORATÓRIO SESC
DE NARRATIVAS
FEMININAS

As protagonistas do jogo

NEGRITUDE, FUTEBOL E ESCRITA



LABORATÓRIO SESC DE NARRATIVAS FEMININAS

As protagonistas do jogo

NEGRITUDE, FUTEBOL E ESCRITA

Organização

Dandara Suburbana
Thaís Mágnio de Matos

1ª Edição
Rio de Janeiro, 2024
Realização:
Sesc RJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P967

As protagonistas do jogo: negritudes, futebol e escrita / org. Dandara Suburbana, Thaís Magno de Matos, Luiza Matheus Oliveira . – São Gonçalo: Serviço Social do Comércio Rio de Janeiro, 2024.

78 p. ; 21 cm. - (Coleção Laboratório Sesc de Narrativas Femininas).

ISBN 978-65-981754-7-4

1. Literatura brasileira. 2. Coletânea/Miscelânea. 3. Esporte feminino. I. Título. II. Serviço Social do Comércio Rio de Janeiro. III. Dandara Suburbana. IV. Matos, Thaís Magno de. V. Oliveira, Luiza Matheus.

CDD B869.8

Ficha catalográfica elaborada por Marília Gorito Silva (CRB-7/6931)



Ficha Técnica SESC

PRESIDENTE DO SISTEMA FECOMÉRCIO RJ

Antonio Florencio de Queiroz Junior

DIRETORA REGIONAL

Regina Pinho

DIRETORA DE PROGRAMAS SOCIAIS

Regina Pinho

DIRETOR ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Luiz Assumpção Paranhos Velloso Junior

DIRETOR DE INFRAESTRUTURA E ENGENHARIA

Fábio Soares

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

Heber Moura

DIRETORA DE ESPORTE E RECREAÇÃO

Patricia Amorim

DIRETORA DE TURISMO SOCIAL, HOTELARIA E ALIMENTAÇÃO

Adriana Correa Homem de Carvalho

GERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA

Thais Castro | Gerente

Paula da Franca | Coordenadora Técnica

Luiza Matheus | Analista de Responsabilidade Social

Daniel Moura | Analista de Responsabilidade Social

EQUIPE ORGANIZADORA

Bárbara Bizarro | Analista de Projetos Sociais

Luiza Matheus | Analista de Responsabilidade Social

Tathiana Valente | Analista de Projetos Sociais

Thais Magno | Analista de Projetos Sociais

As protagonistas do jogo

NEGRITUDE, FUTEBOL E ESCRITA

Copyright © 2024
por Sesc RJ

Coordenação Sesc Mulheres Plurais:
Laboratório Sesc de Narrativas Femininas:
Luiza Matheus

Organização e edição:
Dandara Suburbana

Coordenação editorial:
Jade Medeiros

Revisão:
Thais Mágnio

Ilustrações:
Yaya Ferreira

Diagramação:
Ludmila Vilarinhos

Contato
falecomagente@sescrj.org.br

Coletânea/Miscelânea
Digital
Sesc RJ
2024



SUMÁRIO

INSTITUCIONAL	09
QUANDO LITERATURA E FUTEBOL ENTRAM EM CAMPO	15
O FUTEBOL COMO SONHO	27
O MUNDO É SEU, JOGADORA!	37
EU SOU O MEU PRÓPRIO LAR	43
EU PRECISO DIZER QUE TE (ME) AMO	55
NA ÁGUA TEM COLO	63
BOAS DE BOLA E CANETA	71

INSTITUCIONAL

Sesc Mulheres Plurais é um projeto multidisciplinar e transversal às diversas áreas programáticas do Sesc RJ, que tem por objetivo promover o diálogo e a reflexão contínua sobre as múltiplas expressões do feminino. Com uma atuação durante o ano todo, o projeto tem ações que dialogam e interagem não só com a nossa clientela, como também com o corpo de funcionários do Sistema Fecomércio RJ, formado pelo Sesc RJ, Senac RJ, IFeS e IFEC.

Atualmente, o Projeto é estruturado em cinco eixos temáticos: Direitos da Mulher; Enfrentamento à Violência de Gênero; Participação Social; Produção de Conhecimento; e Trabalho e Universo Empreendedor.

Dentro dos eixos temáticos, destacam-se:

- o fomento do Grupo de Trabalho Sistema Fecomércio RJ de Enfrentamento à Violência contra Mulheres e Meninas, composto por uma média de 30 funcionárias do sistema Fecomércio;
- a realização de seminários e programações em referência ao 8M – Dia Internacional da Mulher e ao 25 de julho – Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha;
- o incentivo à escrita criativa e a oralidade como ferramenta de expressão e produção de conhecimento através do Laboratório Sesc de Narrativas Femininas.

LABORATÓRIO SESC DE NARRATIVAS FEMININAS

A metodologia do Laboratório Sesc de Narrativas Femininas teve início no segundo semestre do ano 2021, em contexto de pandemia mundial, ocasionada pela covid-19. É muito importante situar o tempo histórico em que a metodologia foi pensada e realizada pelo Sesc RJ, pois nesse período o mundo enfrentava o combate a um vírus extremamente nocivo e pouco conhecido.

Cabe destaque para o cenário das desigualdades sociais, das

condições de confinamento dispare e das possibilidades de cuidado com a própria saúde.

No auge desse período foi decretado estágio de lockdown/ confinamento, ou seja, as pessoas precisavam ficar em casa com suas famílias e isso implicou no cancelamento das aulas presenciais para pessoas em idade escolar, mudança no formato das relações de trabalho, o termo home office passa a ser incorporado na rotina de todos.

Nesse período, além da pressão e das urgências em saúde pública, as populações viviam uma readaptação ao cenário do mundo operante do trabalho, que se misturavam às inúmeras demandas da vida cotidiana, instaurada nas casas de diferentes realidades socioeconômicas do mundo.

Foi exatamente neste contexto que a equipe da Gerência de Assistência do Sesc RJ, através do Projeto Sesc Mulheres Plurais, iniciou estratégias de atuação no formato virtual, com o desejo de que mulheres de todo o Brasil pudessem ter encontros em um ambiente seguro e acolhedor, de troca, reflexões, de respiro de VIDA, para além da sobrevivência e dúvidas, marcadas pelo período da covid-19. A literatura é aqui entendida como ferramenta de acolhimento, de pertencimento a um grupo específico e, principalmente, para o exercício da oralidade entre todas que puderam dialogar sobre as inúmeras questões vivenciadas em suas residências. Um espaço destinado, principalmente, à escuta empática e ao acolhimento mútuo.

É dessa forma que se encontram o Sesc RJ e a escritora Carolina Rocha, a partir de seu Projeto Ataré Palavra Terapia, uma comunidade de incentivo à escrita criativa, terapeuta e política com foco na literatura negra. Após um ciclo de 3 meses de duração dos encontros virtuais, os textos, versos, poemas, prosas e cartas foram transformados na primeira publicação em formato de e-book e, posteriormente, na **1ª Edição** impressa do **Livro Laboratório Sesc de Narrativas Femininas**.

Com o passar do tempo, o Sesc RJ, a partir do Projeto Mulheres Plurais, foi desenvolvendo sua própria metodologia do Laboratório, já com a viabilidade dos encontros presenciais, a partir de 2023.

A metodologia do Laboratório é sempre um movimento circular, espiralar e interligado, com objetivo traçado para pensar passado, presente e futuro, futuro esse que pode ser, inclusive, ficcionado, que se desdobra em infinitas possibilidades.

A **2ª Edição**, realizada em 2023, foi pensada de modo a extrair essas multiplicidades para três Unidades Operacionais do Sesc RJ – Sesc Copacabana, Sesc Barra Mansa e Sesc São Gonçalo.

Cada Unidade imprime uma característica singular pela experiência do coletivo de mulheres que integram o Laboratório, pela diversidade regional em que essas Unidades estão inseridas e de onde partem cada uma dessas mulheres. De forma genuína e orgânica, é visível a confluência da sororidade e da dororidade, que se inserem nesse movimento onde cada história se cruza, se complementa e converge para a escrita.

O resultado deste trabalho é apresentado em formato **Box**, que reúne três livros dos Laboratórios realizados com os grupos das Unidades Sesc Barra Mansa, Copacabana e São Gonçalo.

Temos o imenso orgulho de compartilhar histórias e vivências de mulheres inspiradoras neste Box que você terá o prazer de conhecer.

Ecoar essas histórias proporciona a oportunidade de iluminar o passado e garantir que as narrativas sejam transformadas ao longo do tempo, inspirando gerações futuras.

Boa leitura!

Luiza Matheus e Tathiana Valente
Gerência de Assistência / Sesc RJ

Livro 1 – Sesc Barra Mansa

Escrever a Mãe – Narrar a vida a partir da trajetória de mães atípicas

Como parte do projeto Sesc +Social – o trabalho com o grupo de mulheres intitulado Mães Atípicas tem objetivo de dar suporte para mães de crianças com deficiência, entendendo e reconhecendo o papel crucial dessas mães no cuidado constante de seus filhos. A atividade proporciona um espaço de acolhimento, troca de experiências e orientação para esse grupo de mães.

A metodologia realiza atividades presenciais e on-line, em um espaço de troca e fortalecimento das experiências socioemocionais dessas mulheres. O trabalho é integrado entre os projetos Sesc Mulheres Plurais e Sesc +Social, ambos pautados no Desenvolvimento Comunitário que impulsionou a criação do Lab Sesc de Narrativas Femininas para este coletivo de mães dentro da perspectiva das mais diferentes nuances do ser mulher e mãe.

Para mediar este encontro, o Lab contou com a dinamização e facilitação da escritora Dandara Suburbana que através de um olhar atento conseguiu extrair deste grupo histórias e memórias além e também sobre o maternar.

Livro 2 – Sesc São Gonçalo

As Protagonistas do Jogo: ancestralidade, futebol e escrita.

Em um trabalho de reconhecimento de histórias e experiências vivenciadas e experienciadas pelo grupo de mulheres atletas jogadoras de futebol feminino do Instituto Karanba – organização social que tem o esporte e a educação como ferramenta de transformação social-, o livro 2 conta, através de cartas, poemas e contos, um conjunto de escrevivências de um espaço em que o esporte é pano de fundo.

O futebol feminino valorizado e trazendo à discussão as diferentes possibilidades de atuação, o lugar da mulher, onde ela bem desejar, seja ela como jogadora, treinadora / técnica, árbitra, entre outras possibilidades nesse universo diverso e plural.

A discussão nas oficinas também passou por questões pessoais, identidade de gênero, orientação sexual e feminilidades, entre outras, tudo isso traduzido de forma poética e lírica neste livro.

A escritora Dandara Suburbana conduziu com maestria e acolheu todas as histórias com muito respeito, sensibilidade e, principalmente, impulsionou que essas histórias pudessem ser transformadas em livro.

Livro 3 - Sesc Copacabana

Ventania de Cura - A escrita como instrumento de liberdade

Com o tema: Escuta, Escrita e Palavra como Ferramenta de Cura e Autoconhecimento, O Laboratório de Narrativas Femininas na Unidade Copacabana entra em um momento especial, pois celebra seu o segundo ano de existência, desta vez, tendo a escritora Ryane Leão como facilitadora da edição.

Em um cenário de pós-pandemia, a segunda versão foi desenvolvida de forma híbrida e em um período de 4 meses de duração. Os encontros virtuais deram conta de abordar e aprofundar as aulas sobre os processos de escrita. Divididos em blocos temáticos, o grupo composto por aproximadamente 40 mulheres, se debruçou a pensar e a escrever sobre culpa, sobre a natureza, sobre os incômodos, sobre escolhas e destinos, sobre memórias, sobre o passado e aprendeu a, por que não, ficcionar o futuro.

Já nos encontros presenciais, tivemos música, comida, dança, sarau e muito, muito afeto. Vimos os corpos dançaram, as lágrimas caírem e serem acolhidas de forma única. Lugar de encontro e reencontro consigo mesma.

Nesta antologia, você encontrará mulheres do Rio de Janeiro ao Acre e irá perceber o tanto de riqueza que faz morada em casa desaguar. Narrativa é poder. Através dela, conseguimos reinventar lugares, histórias, contadas agora sob a perspectiva de si. É absoluta a potência que há em uma mulher narrar sua história em primeira pessoa.

O Laboratório é tecnologia de quintal. É afeto que alimenta as travessias. É abraço coletivo que acolhe e respeita o sentir. Foi a arte do encontro que desenhou nosso caminho ao longo de quatro meses. Eu poderia demarcar nossa metodologia com um Ebó de cuidado. Um Ebó que nos inspira e nos ensina a parar tudo e olhar para dentro. Tecemos processos que abriram portas para um sopro de futuro bonito.



**QUANDO
LITERATURA
E FUTEBOL
ENTRAM
EM CAMPO**

Eu nunca tinha pensado que trabalharia com Mulheres Esportistas, mas cá estou eu, defendendo com veemência a sociologia de gênero aplicada ao esporte! A verdade é que sendo honesta comigo mesma, passei uma vida inteira fugindo dos esportes. Quando eu era criança, minha mãe me incluiu em alguns projetos sociais, mas não fiquei em nenhum. Quando adulta, tentei várias vezes me acostumar a academia, entrava e saía sempre, tentei pilates, natação, hidroginástica e absolutamente nada me prendia.

Virei mãe e por mais louco que pareça, também virei esportista. A maternidade é uma loucura, ponto! E como a maioria das mulheres, a maternidade veio como uma avalanche na minha vida, acrescida de um terremoto desastroso que assolou a minha geração e mudou completamente nossa visão de mundo: a pandemia. Pois é, eu fui mãe de pandemia. Meu filho nasceu em outubro de 2019 e a pandemia foi declarada em fevereiro de 2020. Eu seria hipócrita se dissesse que não consigo vislumbrar um ponto de vista positivo na pandemia, porque eu consigo. Fiquei um ano e quatro meses com meu filho em casa, um bebê que deveria ter ido para a creche com quatro meses ao final da minha licença.

Mas eu, uma pessoa absolutamente ativa e acelerada me vi ficando louca tendo minha vida resumida a ser mãe e dona de casa nesse período. Meu trabalho adotou o congelamento das vagas e eu me vi sem um propósito individual de vida, algo que fosse apenas meu. Neste contexto, decidi realizar um sonho antigo: correr 5 km. Para uma mulher que nunca fazia nada, isso era uma meta quase impossível!

Todavia eu não fazia a menor ideia de por onde começar e uma prima minha começou a me envolver em conversas sobre Crossfit, eu achava os crossfiteiros uma cambada de gente louca correndo na rua, mas de tanta insistência dela eu aceitei ir, afinal, eu já estava quase perdendo o juízo ficando em casa arrumando e tomando conta de filho. Transitei entre opostos totalmente extremos, de sedentária no pós-parto para crossfiteira.

Comecei a me afeiçoar à modalidade, a gostar de me desafiar dia após dia, gostei muito de ter um tempo só meu, algo que não dependia de ninguém, era uma disputa interna de mim comigo mesma a cada

Wod. E assim o tempo foi passando e eu comecei a melhorar nos treinos e a observar o Crossfit por uma perspectiva social, afinal trabalho com responsabilidade social. Comecei a ver a quantidade discrepante entre homens e mulheres que praticavam o esporte, a acompanhar discussões sobre como as mulheres ficavam musculosas e como a sociedade estereotipava os corpos das atletas, comecei a ver o quanto as competições são injustas ao propor poucas categorias femininas, e quando as têm, são mistas, impondo de modo simbólico uma validação masculina para a atleta mulher. E comecei a estudar mais sobre o tema acreditando que de algum modo poderia trazer essa pauta a discussões mais tangíveis.

Quando retornei ao trabalho presencial, voltei com toda energia, querendo e precisando de novas possibilidades de implementação de projetos e, assim, retomei com as reuniões junto a lideranças comunitárias, maneira como cheguei ao Karanba. Quando visitei o espaço pela primeira vez uma luz se acendeu na minha mente: “Achei o lugar!” e tudo começou a fazer sentido, uma grande parte das minhas pautas estavam ali: negritude, gênero e esporte.

O Karanba virou um refúgio e uma renovação, um local de acolhimento às frustrações que o Crossfit me trazia e uma certeza de que eu também estava correta em praticar. Encontrei a minha Revolução nesse espaço, cercada de mulheres que acreditavam em algum esporte, no caso delas o Futebol, mas juntas trocávamos falas sobre as dificuldades de mulheres no ambiente esportivo, os microrracismos que enfrentávamos enquanto mulheres pretas na sociedade, o quanto a vida feminina, que nos era imposta dificultava que conseguíssemos evoluir e nem falo de questões sociais de gênero não, falo de menstruação, cólica, dores no corpo, TPM, questões fisiológicas, que mudam totalmente nosso corpo e nos impede de extrair o máximo em cada competição ou partida.

O Karanba era o meu Renovo diário, aquele lugar que me fazia crer que minhas lutas sociais e práticas estavam certas, pois na mesma proporção que eu me misturava ao Karanba e me transformava em parte dele, eu melhorava no Crossfit, subindo de categoria e alcançando classificações que poucas mulheres chegam por exigir muito de nós.

O Karanba era o meu pré-treino!

Hoje seguimos juntas em nossas missões de transformar esse mundo em um lugar cada dia mais acolhedor para mulheres esportistas. Consegui implementar na minha unidade Sesc São Gonçalo, através do projeto Mulheres Plurais, os diálogos sobre feminismos e esporte e temos proposto rodas de conversa, jogos, e modalidades esportivas para mulheres e no Karanba as mulheres ganharam voz, ou melhor textos, e suas histórias com o esporte estão aqui, assim como as minhas. Quanta coisa o Karanba me deu. Obrigada Karanba!

Thaís Mágnio de Matos

Analista de Projetos Sociais Sesc São Gonçalo

Há mais de dez anos eu faço relatorias de encontros de mulheres. A proposta é de registrar a memória de cada encontro. Mas nunca é só isso. A memória de um encontro tem um acúmulo de tantas outras memórias. Um percurso de cura que atravessa territórios, gerações e encruzilhadas.

Durante algumas semanas as minhas quartas-feiras tinham um propósito, atravessava a Baía de Guanabara e chegava em São Gonçalo, para encontrar um grupo de mulheres e com elas descobrir um pouco mais da minha história. Porque quando mulheres se encontram existe uma afinidade da experiência que se encontra em diferentes falas.

E através desse trabalho eu chegava no Karanba. Sempre tenho uma certa expectativa a cada trabalho, porque sei que vou estar diante de histórias de vida de mulheres e tenho a dimensão do quão grandioso isso significa. O lugar que esses registros ocupam, para além de uma relatoria de um encontro de mulheres, possibilita que mulheres se tornem representativas de suas histórias, relacionadas às suas vivências, e sempre chegam outras mulheres através de suas memórias. Histórias de mulheres pretas. Mas, esse trabalho, especificamente, gerou uma expectativa ainda maior. Um grupo de mulheres que jogam futebol, mulheres que vivem o universo do futebol! Sempre gostei e acompanhei campeonatos de futebol, mas ouvir a versão feminina de uma história inviabilizada sobre mulheres e futebol seria uma experiência única.

A cada encontro ouvi histórias de mulheres que adentraram um universo tradicionalmente masculino, que traziam as marcas da barreira imposta pela proibição, que, diariamente, conviviam com opressões. Expressavam suas lutas, mas falavam da experiência de mulheres, mulheres pretas, do racismo, do patriarcado. Uma história por vezes ignorada, invisibilizada. O que mais me marcou e, por mais que saibamos, é sempre importante ter conhecimento de diferentes fontes, foi que, onde quer que estejam, em diferentes lugares que ocupam, corpos femininos abalam estruturas de poder. Mas também concebem e geram caminhos para elas e tantas outras mulheres. Importa sim, que tenham espaços para falar de suas vidas,

registrar seus legados, suas memórias, suas ancestralidades. História e memória de mulheres no futebol importam!

Os encontros eram em uma sala do tamanho certo para provocar proximidade e acolhimento. Olhando de longe podia parecer que estávamos abraçadas. Mas sempre no centro desse abraço havia livros. Potencializadas pela magia dos livros e na potente fala de Carolina Rocha, mulheres se contavam. Se escreviam. Em alguns momentos a sala estava cheia, chegavam suas crias, suas mães, avós, tias, irmãs, amigas. Mulheres de muitas dimensões. Em outros momentos eram só elas, buscando um escutar-se, escrever-se. Ali se formava uma rede de cuidado, proteção e cura.

Era um mundo para registrar, que senti vontade de desenhar, de pintar, de fazer poesia, de fazer música, de dançar, usar de todas as formas para retratar o tanto e tanto de histórias, de falas, de contos e de sonhos que estavam naquele lugar. E de repente eu estava escrevendo para além da relatoria a experiência minha de vida, gestando junto com aquelas mulheres.

Trajetórias com todas as complexidades que perpassam a vida de mulheres pretas, diferentes histórias que se encontram coletivamente. O momento de leitura de nossos escritos eram um mix de risos e choros e o que mais se ouvia era “isso aconteceu comigo”, “eu já senti isso”, “nossa parece a minha história ... da minha mãe, da minha avó!”. Pensei em vários momentos o quão revolucionários eram esses encontros, um processo de compor e recompor histórias de vidas de mulheres negligenciadas pelos modelos hegemônicos, ressignificar dores, ausências, solidão, potências e afetos.

Narrativas e escritas de mulheres pretas produzem dignidade às memórias de tantas outras mulheres e são estratégias de luta. Quanto a mim, saio mais encorajada para seguir minha trajetória de mulher preta, sigo cheia de muitas que conheci nesses dias e para finalizar só tenho a dizer que o futebol é coisa de mulher, a escrita é coisa de mulher!

Marilucia Fernandes

Assistente Social e Relatora

O Futebol entrou de forma diferenciada na minha vida através do Karanba. Eu nunca gostei muito de assistir futebol exceto pela Copa do Mundo, que apesar de sempre ser uma disputa masculina, paralisava o país para todos torcermos juntos. Aquela união me fascinava. Gostava do ritual, de me vestir de Brasil, das festas e dos amigos/família reunidos para celebrar juntos. Não percebia em mim qualquer afinidade com o esporte, mas com aquilo que ele proporcionava.

Até que fui apresentada ao Karanba através de um aluno. Quando decidi vir conhecer o projeto ainda me perguntava como eu poderia de alguma forma contribuir com algo que tivesse relação com o futebol. Quando pisei em nossa sede, em Vista Alegre, fui absolutamente fisgada pela atmosfera Karanba. As crianças, famílias, professores, a comida do Edinho – o melhor feijão do mundo, o universo que descobri possível a partir da proximidade com esta prática desportiva foi disruptivo. A convivência no Karanba me mostrou como o futebol pode ser valioso. O quanto impacta na vida das comunidades da periferia e o quanto pode ser transformador quando utilizado como ferramenta educacional.

Foi assim que descobri meninas que se revelavam mais fortes usando chuteiras, que enfrentavam limitações sociais e infinitos preconceitos apenas para poderem ter o direito de jogar, de serem quem quisessem ser, vi meninos aprenderem nas rodas de conversas com seus professores e suas professoras a importância de cada um, num time onde todos tinham importância. Foi aqui que vi meninas que nunca tinham sequer cruzado a ponte Rio-Niterói para ir à praia na Zona Sul carioca, cruzá-la para aterrissar em Oslo, na Noruega, para disputar um campeonato de futebol e voltarem dessa experiência transformadas, impressionadas com a limpeza e organização das cidades lá visitadas e o quanto perceberam as suas potências a partir desta vivência.

Foi aqui que entendi melhor o que a palavra oportunidade poderia significar dentro de um território onde ninguém tem o direito de sonhar. No Karanba alguns sonhos se tornaram realidade e eu me senti parte disso. Foi aqui que vi corpos pouco saudáveis mudarem seus hábitos alimentares, e viverem uma vida de maior bem-estar e saúde através do futebol. O território onde trabalho é um local preto,

fundamentalmente, e por isso trazer oportunidades de mudança para esta comunidade significa ampliar a possibilidade de melhorar vidas negras.

Tudo isso aprendi com o futebol dentro da metodologia Karanba, que percebe cada beneficiário dos nossos programas numa perspectiva de desenvolvimento integral. Descobri que o Futebol é Educação e que o gol mais lindo é feito com a caneta e que podemos criar cidadãos conscientes aqui e capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e equilibrada.

Marilda Reiolino

Socióloga do Instituto Social Karanba

Canetas e bolas. Mãos e pernas. Ambas conectadas para produzir saberes e memórias que fortalecem o lugar do sonho. Sabe, ir para São Gonçalo, morando no Centro do Rio de Janeiro, não foi fácil. Acordava às 06 da manhã e, às vezes, pegava horas e horas de engarrafamento. O acúmulo de trabalho e tarefas, a necessidade da sobrevivência, tudo isso me fazia uma mulher exausta nesse percurso. Mas, todo esse cansaço ia embora assim que fincava os pés na grama do Karanba. O afeto exposto, a alegria das outras mulheres por me ver e me abraçar, as boas conversas, um cafezinho fresco e uma sala que chegava a ficar quente com a nossa presença. Mulheres reunidas em roda para “escrever” seus saberes, transbordar em caneta, lápis e papel o tanto de água, em suor, secreções e lágrimas, que seus corpos produzem. Afetei e fui afetada. Chorei copiosamente ao me identificar com histórias de meninas que perderam cedo demais suas mães e precisaram aprender a sobreviver sozinhas. Gargalhei intensamente dialogando sobre os tantos amores e prazeres que acompanham a vida. Mulheres que amam mulheres, sapatonas, por que não?! E tantas outras mulheres que amam homens, mesmo que não se espere isso de atletas de futebol. Com a convivência, com as confluências, todos os estereótipos se dissipam. Mulheres que eram duronas mesmo, brabas, eu vi desaguarem feito maré alta no cais. Mulheres sensíveis e emocionadas eu vi segurarem firme a mão de outras mulheres, que por algum motivo pensavam em desistir. Plurais, diversas, complexas. Dava saudade quando a gente não se via. Ainda dá. Tinha mulher escritora que não queria escrever mais. Tinha mulher que nunca pensou em escrever e nunca mais parou. Tinha de tudo naquele pequeno quadrado de secretaria. Cada uma era um continente inteiro se desvelando pouco a pouco. Todas nós gestamos. Parimos coragem e dissecamos o medo, deixando-o menorzinho, sabe?! Entendendo melhor seus passos e fontes. E decidimos continuar a navegar com medo mesmo. A farra das palavras continuava no almoço, com um feijão de caldo grosso, que encorpava a nutrição necessária para se abastecer um corpo voraz por dizer: nada mais nos cala, BASTA! Teve gente indo, vindo, fugindo, voltando. Teve princípio, meio e princípio. Teve toda espécie de purgatório e paraíso. Na soma, ficamos

maiores, em tempo, espaço, linguagem e gramática. Comemos de tudo, vomitamos os restos do que não nos cabia mais. Jogamos bola, afinal, marcamos alguns gols, e perdemos também, pois que partida não tem as suas faltas?! Permanecemos inteiras e certamente nunca mais seremos as mesmas. Gol de letra, não?! Quem pratica esportes escreve melhor, pois mantém sempre o corpo-texto em movimento. Entre o futebol e a escrita saudamos nossos recomeços. Gratidão mulheres! Esse livro é o nosso inventário de ousadias, nosso grito sussurrado nas pontas dos dedos de quem lê e já se inquieta pelo desejo de assumir o poder de contar a própria história.

Carolina Rocha, “a Dandara Suburbana”

Professora e mediadora das oficinas de escrita



O FUTEBOL COMO SONHO

A importância do esporte como instrumento de modificação social está no fato de ele ser um real agente de mudança de perspectiva de futuro para diversas pessoas em muitas situações, principalmente aquelas em situação de vulnerabilidade, uma prática esportiva muda destinos, ajudando as pessoas a melhorarem suas condições de vida e a expandirem seus horizontes.

Sou uma jovem de 24 anos, que nasceu em Araruama e veio morar em São Gonçalo. Meu pai faleceu muito cedo, por conta dessa situação minha família passou por diversas necessidades. Minha mãe muitas das vezes deixava de comer para que eu e meus dois irmãos pudéssemos nos alimentar. Um belo dia ela veio morar em São Gonçalo e com o decorrer do tempo ela conheceu o Instituto Karanba, onde me inscreveu para o futebol, mal sabia eu que naquele dia ela estava fazendo uma escolha fundamental para minha vida.

Um dia veio a notícia que iria ter uma viagem para a Noruega e que iriam ser selecionadas dez meninas do futebol para a viagem. No dia que anunciaram que eu iria, dava para notar a felicidade e a emoção no meu rosto. A experiência foi muito boa desde a hora que embarcamos até a hora que chegamos lá, no dia do nosso jogo foi muito emocionante, você entrar no estádio e ver a arquibancada cheia, eu estava em êxtase, um frio na barriga, o corpo tremia, os olhos brilhavam, que experiência e emoção! Ter a oportunidade de viajar para fora do país e vivenciar uma cultura diferente, a minha vida nunca mais foi a mesma, tudo o que eu estava vivendo era apenas um começo das grandes coisas que o futebol proporcionaria para mim.

Ao retornar da viagem recebi a oportunidade de fazer cursos profissionalizantes, hoje faço faculdade de Recursos Humanos e tenho um trabalho de carteira assinada no mesmo lugar que abriu as portas para eu jogar bola. Hoje eu consigo retribuir todo apoio e ajuda para minha mãe, tudo aquilo que ela fez por mim.

O futebol mudou a minha vida, me deu oportunidades de crescimento na vida pessoal e profissional, podendo vivenciar diversas emoções e o frio na barriga como estivesse entrando pela primeira vez em campo com cada conquista e objetivos alcançados.

Sara Silva

Ufa! Que dia louco vivemos nessa terça-feira, dia 06/08/2024, tenho certeza que vai ser eternizado na memória dos amantes do futebol de Mulheres.

Uma semifinal olímpica, contra o melhor time da atualidade, as campeãs mundiais, com a melhor jogadora do mundo. Tomamos um coco na fase classificatória, jogamos mal, todo mundo estava receoso, com medo, por mais que tivéssemos ganhado da França, era difícil vencer as espanholas. Nem o melhor roteirista poderia escrever um script desse, Brasil 4x2.

O Brasil foi incrível, foi gigante, o Brasil foi o Brasil de muitas mulheres, que um dia iniciaram e sonharam com isso tudo, o Brasil já foi duas vezes medalhista olímpico, eu sei disso, mas o que eu estou querendo dizer aqui, é que hoje o Brasil tem uma estrutura, meninas podem viver exclusivamente para o Futebol. E se a gente for lembrar do que passamos com quase 40 anos de proibição, que muitas meninas/mulheres jogaram escondidas. As primeiras, as pioneiras, fazem parte de tudo isso que aconteceu no dia de ontem. Tantas, mas tantas mulheres sofreram com o MACHISMO, RACISMO, PRECONCEITO. As nossas jogadoras representaram tantas mulheres que enfrentaram o sistema para que hoje elas pudessem jogar.

O futebol é resistência, vivemos em um país que mata duas, três mulheres por feminicídio para cada 100 mil mulheres, no ano passado 1.463 mulheres foram mortas. Um país onde mulheres recebem menos do que os homens e ocupam cargos inferiores, que são desacreditadas, anuladas, inviabilizadas. Mas justamente o Brasil de Mulheres trouxe uma esperança, trouxe o brilho e o amor por torcer para uma seleção, estou incrivelmente feliz porque sei o quanto tudo que elas fizeram vai impactar nas próximas gerações. Eu tive o prazer de ver SISSI, FORMIGA, MARTA, CRISTIANE, PRETINHA, LEDA MARIA, JU CABRAL, ROSANA, TARCIANE, GABI PORTILHO, LORENA e tantas outras!

O futebol transformou a minha vida, ele mudou a minha história. O futebol é resistência, resiliência, perseverança! Então, Futebol de Mulheres, obrigada por nos dar o direito de sonhar com condições melhores, por sonhar com o Futebol para todas. O Futebol é coisa para mulher sim! E que possamos ocupar o lugar que desejamos. Rumo ao ouro Olímpico.

Natane Vicente

Eu já fui bola algumas vezes. Já percorri todos os cantos do mundo verde chamado gramado e nunca me arrependi de olhar redondo assim pro mundo. No hexágono preto vejo meu destino, minha cor... E quando faço história ao entrar em gol aleatório, atravesso o Mundo. Essa sou eu, bola. Atrás do meu destino inafiançável.

Amanhã eu estou na TV. Outro dia numa pelada de futebol na esquina de casa. Eu vou me reinventando por todos os mundos que o esporte me cunhou. Vou transformando histórias e moldando caminhos. Já vivi demais, e antigamente quem me jogava eram os donos do jogo.

Agora eu sou de todas as cores e gêneros, e os donos do jogo são mesmo quem me desafia. São pretos e pretas onde o talento mora sem fazer esforço. Que nos meus primórdios nunca havia conhecido. Mas ainda tem muito pra evoluir e rolar em campo.

Abrir caminhos é meu destino.

Keila Áurea

O que falar sobre o futebol de mulheres?! Sentimentos me tomam... Estou esperançosa e ao mesmo tempo fico apreensiva e triste, por ver tantos comentários desagradáveis, comentários de pessoas que jamais vão entender a grandeza do futebol de mulheres.

A Marta foi extremamente criticada, mas será que ela merecia?! A Marta é a maior jogadora de todos os tempos, os feitos dela nenhum atleta conseguiu. Vocês que falam do Futebol de Mulheres que são inviabilizadas, silenciadas, que vocês até pouco tempo não sabiam nem o nome.

Mulheres que dedicam sua vida para fazer um esporte onde o apoio é mínimo, onde você tem preconceito, porque o Brasil só tem olhos para a “macharada”, e só lembra delas quando tem uma olimpíada ou copa do mundo. Elas fazem o futebol de mulheres sem badalação, sem mídia, sem dinheiro, sem marketing, fazem um futebol limpo, elas vestem a camisa, elas são o Brasil menos favorecido, o Brasil das minorias, o Brasil das Mulheres.

E quantas “Martas”, “Formigas”, “Cristianes”, “Debinhas”, “Lorenas” o Brasil poderia ter, mas não terá por causa do preconceito, por causa da falta de investimento?! E quando dizem que o Futebol de Mulheres não é rentável, como não?!

Então elas são medalhistas, não importa a cor da medalha, por que elas fizeram o que a muito tempo eu não via, elas pararam o Brasil que nem as conheciam. Elas são Heroínas, por não fugirem da luta.

O Brasil que por 40 anos as proibiu de jogar, o Brasil de Vargas que falou que nós não tínhamos o corpo apropriado para jogar futebol.

Um salve para todas mulheres que jogam futebol, que fazem futebol, o futebol de mulheres é um ato de resistência!

Natane Vicente

Oi, Maria Alice,

Minha filha, se puder jogar futebol assim como eu joguei, serei a mãe mais babona e louca na arquibancada, não fui profissional, nem perto disso cheguei. Mas uma coisa que falo sempre: me dediquei e levei muito a sério, pois o futebol feminino já tem muita gente na sociedade que não leva e trata sem respeito, então não precisamos de mais uma.

Caso resolva jogar bola leve a sério, faça o seu melhor, se dedique, aproveite tudo que esse esporte, que sou apaixonada, pode te proporcionar. Seja feliz, e o principal, jogue com amor, jogue pelo time. E muito além, você pode viver emoções incríveis, pode se frustrar também, pois nem sempre vai vencer, mas a vida é assim minha filha. Aproveite todo o aprendizado que o futebol vai te proporcionar. Ele treina pra vida.

Te amo,
Verônica

Verônica Lima

As minas que chega e o estádio levanta: SLAM KARANBA!

Resistir para persistir no jogo da vida,
O futebol é uma saída no mundo das minas
Que entram no campo se desfazendo
De toda tristeza que em si habita,
Usando a camisa como armadura para vencer
Quase 40 anos de impedimento
Algumas foram presas, outras julgadas
Tentando fazer o que se ama,
Chutar a bola na rede era uma ameaça.
A vitória veio e elas começaram a brilhar
As pioneiras vieram para mudar
Na copa do mundo, a Elaine veio a marcar
O gol da esperança
Para que outras meninas pudessem jogar.
As pioneiras deixaram seu legado:
Leda, Fanta, Elaine, Sisi, Taffarel, Marisa e Formiga
A Marta veio de Alagoas para no mundo brilhar
Seis vezes melhor do mundo
Para provar que nossa retaguarda é forte!
Tem mais de 1 milhão de minas contrariando as estatísticas...
A Lidiane foi para Portugal para o nosso sonho realizar,
Levando na sua mala a alegria de um dia na seleção chegar.
Levando a chuteira para marcar o gol e o Karanba vibrar.

Karine, Milena, Natane e Ana Flávia.

As minas que chega e o estádio levanta: SLAM KARANBA!

O juiz apita
Começou a partida
Corro pra alcançar um lugar que “não é meu”
Minha vida nunca foi fácil
Desde menina sofri
Com os olhares desviados pelo esporte que escolhi
Lidando com o impedimento
Por mais de quarenta anos de proibição
Entre dribles e fintas, esquivo de tudo que me joga no chão
Cartão vermelho para os machistas
Que na arquibancada gritam:
Que futebol não é para mulher
Mostramos isso com a bola no pé
E nesse jogo da vida o meu time é resistência
Sigo aprendendo a me posicionar
Sempre correndo atrás de mostrar
Que aqui é sim o meu lugar!

Verônica Lim, Sara Silva, Hellena Ribeiro e Layza Cristina

Oi, Marta, tudo bem?

Recebi a missão de escrever uma carta para você. Então vamos lá! Bom, você não sabe o quanto você é importante para minha jornada, meu maior sonho era te conhecer e incrivelmente eu consegui. Quando eu era uma menina lá do meio do mato, morando em Friburgo, eu sonhava em te conhecer por tudo que você sempre representou. Você era minha maior referência, meus olhos brilhavam quando eu te via jogar, quando eu falava de você. Eu sempre fui sua fã.

Admirar uma mulher como você é um motivo de honra, você é a luta de mulheres nordestinas, nortistas, pretas, você saiu atrás de um sonho e esse sonho fez você se tornar a maior jogadora de todos os tempos! Você é incrível!

Me sinto privilegiada por ter nascido na mesma época que você, porque eu pude ver os seus maiores feitos, não foram contados por outros, eu vi e vivi isso. Você é parte da transição da geração de pioneiras para a geração atual, e isso é algo fantástico.

Então Marta, sabemos que não teremos você por muito tempo em campo, mas sabemos que o seu legado é indiscutível. Você é maior personalidade de futebol de mulheres, obrigada por ser brasileira e por representar todos nós meninas/mulheres sonhadoras que se inspiram em você.

Natane Vicente



**O MUNDO
É SEU,
JOGADORA!**

Olá, querida jogadora, tudo bem?

Começo essa carta te parabenizando pela sua coragem, porque não vou mentir, você terá uma jornada de muitos desafios, mas posso te garantir que ela vai mudar sua vida. O futebol é algo muito especial, ele vai além de chutar uma bola, ou de marcar um gol, ele vai te ensinar grandes coisas para sua vida!

Você vai aprender que entre cair e levantar são coisas que acontecem no mesmo lance, que nem sempre você vai vencer e que existem 3 resultados. A derrota, a vitória e o empate e que você nunca vai conseguir fazer nada sozinha, por que o jogo é coletivo. Que você precisa treinar! Treinar o seu corpo, a sua mente e principalmente seu espírito, e ser resiliente. Que você é capaz, que você é muito capaz. Lute sempre pelos seus objetivos, mesmo quando você não tiver forças. Porque a vida é um jogo e o jogo é a vida. Então seja amiga e parceira porque como já te disse o jogo é coletivo.

Em alguns momentos você vai querer desistir, mas desistir não está no seu vocabulário, porque você precisa lutar pelos seus sonhos. Então minha querida amiga, eu espero que você aproveite essa jornada. O futebol é algo mágico, eu sou muito apaixonada por ele. Então se apaixone pelo processo, viva cada momento, desfrute cada segundo, e quando as dificuldades surgirem olhe para você, você já é uma vencedora, por estar fazendo algo que por muito tempo foi proibido. E não ligue se duvidarem de você, não ligue se a sua capacidade for colocada a prova, porque você sabe quem você é, e porque está aqui.

Então seja bem vinda! O Futebol te espera, o mundo é seu, aproveite para sair mais forte dessa experiência. “Junte seus pedaços e desce pra arena. Mas lembre-se: aconteça o que aconteça não há nada como um dia após o outro”. O futebol mudou a minha vida, espero que ele mude a sua também.

Com carinho de uma amante da modalidade, que luta diariamente para que ela seja respeitada e que você possa viver o melhor dela. Porque o futebol me deu tudo que sou! O gol mais importante que marquei foi com uma caneta na mão!

Natane Vicente

Querida futura jogadora,

Sei que sua vontade de jogar bola pode não ter sido bem aceita, sei que uns e outros irão te olhar torto, te menosprezar, te desmotivar, sei também que isso irá te atingir e não tem como não atingir. Palavras e atos, às vezes, machucam mesmo.

Mas também sei que seu amor pela bola não irá sumir por causa deles, sei que você pode continuar indo para as ruas e campos, para jogar no meio dos meninos mesmo, e que no meio dos que julgam existirão também aqueles que vão te admirar.

Pensa comigo, não há nada e nem ninguém que possa te impedir de sonhar o seu sonho. Os tempos de proibição se foram e agora mais do que nunca é o momento de buscar isso, é o seu momento!

Como você existem muitas mais sonhando o mesmo sonho e haviam outra antes, e se depender de mim, de nós, iremos construir mais histórias de meninas e mulheres apaixonadas pelo futebol.

Esteja preparada para as dificuldades, confie no processo e permita que a paixão pelo futebol fale mais alto. Estamos juntas nessa!

Ei preta, pretinha, gostaria de te dizer coisas que se nunca te falaram vou te dizer agora.

Se o seu cabelo armado incomoda, arme-o de proteção.

Se sua pele que não é clara incomoda, deixe nítido que cada preto tem um tom.

Você sabe o quanto você é especial, o quanto a sua força e a sua coragem me deixa tão orgulhosa.

Por quantas vezes você dormiu tarde e acordou cedo?

Por quantas vezes segurou as suas lágrimas?

Por quantas vezes você teve que fazer coisas que não queria?

É preta, tudo tão difícil, é você com seu sorriso no rosto e sua coragem na mão.

Preta, o peso das suas tranças carrega a ancestralidade entrelaçada, se trancar é esperar, a esperança está nas suas mãos. Escrevendo uma história de luta e resistência influenciando uma nova geração.

(Anônima)

Nunca desistir de sonhar mesmo se você tiver vários obstáculos no seu caminho, lutar sempre, sonhar sempre, correr atrás sempre, mais nunca desistir de conquistar seu espaço, porque o meio do futebol hoje é muito preconceituoso no nosso brasil. Quando você conquistar seu espaço no meio do esporte será muito gratificante pra si mesma e pra todas outras mulheres.

Imagina você no meio de uma partida, jogando com aquela torcida maravilhosa torcendo por você, vibrando por cada passe, por cada defesa, por cada gol, por cada coisa incrível que você faz dentro daquelas 4 linhas.

Sai do palco que você acabou de fazer uma linda festa e gratificante demais com o dever feito cumprido...

Então menina, mulher, faça o que você gosta e ama. No meio do futebol você constrói amizades...

(Anônima)

Daqui a 5 anos
Eu quero ter me formado
Quero ter minha profissão dos sonhos!
Quero ter minha Casa própria
Quero ter minha família
Quero ter meus veículos “carro minha moto”
Quero ter minha clínica
Quero ter minha renda estável
Quero fazer minhas viagens pelo mundo a fora
Quero morar fora do Brasil!4

Karine Oliveira



**EU SOU O MEU
PRÓPRIO LAR**

Pensei milhões de vezes em ser como você quando crescesse.
Confesso que nunca te contei isso.
Mas, à medida que sua máscara caía pelo caminho,
você se tornou o vilão das histórias em quadrinhos.

Mesmo que eu tentasse entender seus motivos,
nossa relação criou um abismo
que nem o tempo foi capaz de consertar.
Até suas demonstrações de afeto machucam.

Eu poderia tentar te explicar,
mas o meu amor fez as malas e partiu,
sem data de retorno
E passagem de volta.

Percebi, com os anos, que já tinha partido há muito tempo,
mesmo quando meu corpo estava presente
no que você chamava de “lar”,
minha mente já era ausente.

Você me idealizou como uma princesa submissa,
mas eu me tornei rainha e agora governo minha própria vida.
E, quando você disse que eu não era mais “sua filha”
porque minha orientação não era o que você queria,
a sua falta de acolhimento só fortaleceu meu crescimento.

Hoje, você age como se suas palavras nunca tivessem ferido,
como se desculpas pudessem apagar as cicatrizes que ficaram na
alma.

Essa é minha carta de adeus,
sobre dores que nunca mencionei,
mas que encontrei acolhimento
em mim mesma.
Obrigada!

Ana Cruz

Liberdade

Eu acho que aos poucos começo a me sentir liberta. Quando aprendi a dizer não, pois a partir disso comecei a me sentir livre de mostrar meus sentimentos, tanto no pessoal, como no profissional. Porque por muito tempo passei em agradar os outros e me sentia presa nos meus sentimentos, pois quando sentia raiva, decepcionada e magoada, sempre achei que esse problema era meu e quase sempre me colocava como segunda lugar, sempre preferia sair com a sensação de que posso me sentir assim, mas nunca direcionar minhas frustrações aos outros.

Acho que dizer “Não” quando alguém invade seu espaço, é importante e libertador.

Verônica Lima

Por muito tempo eu não me aceitava quanto mulher preta, tinha questionamentos pelo cabelo, pelos traços e pela minha cor. É duro você não se aceitar e não se compreender, duro é você não conseguir se olhar no espelho.

A vida foi cruel, dores, sentimentos de raiva, ódio, insatisfação, incerteza, muita luta. Aprendi a ser resiliente, evolui, cresci, me aceitei, mudei e a mudança teve que acontecer.

Nesse processo me tornei dona de mim, saí do fundo do poço e das minhas dores eu encontrei o Amor, o amor próprio, o amor por mim mesma, e fiz das minhas cicatrizes motivação para ser quem sou.

Eu tenho orgulho da mulher preta, forte guerreira que sou. Levo comigo toda minha Ancestralidade e toda minha fé. Ancestralidade que me guia e me protege com muito asé.

Venci na vida, venci meus medos, venci por que eu nunca me permiti me sentir derrotada, venci porque Ogum sempre foi meu guia, meu pai, meu conselheiro, venci porque Deus sempre foi minha fortaleza.

Eu sou fruto de muita dedicação, sou fruto de muita entrega, eu sou o que muitos nunca acreditaram que eu poderia ser.

Eu sou alguém que incomoda, não performo no padrão de feminilidade, não puxo saco, sou ativa, sou segura, sou preta e sou retinta.

Natane Vicente

O que eu fiz do que fizeram comigo?

Na real, o que eu ainda estou fazendo.

Pensando bem, às vezes, eu tenho a impressão de que eu não estou fazendo é nada. Estou só reagindo.

Minhas ações? Elas são calorosamente calculadas para reagir, para sobreviver nesse mundão que me submerge em meio a tanta demanda.

Como Zeca Pagodinho, eu deixo a vida me levar, e nesse embalo eu vou. Seguindo o fluxo, intervindo o mínimo. Porque remar contra a maré cansa. E eu já estou cansada.

Leticia da Hora

O que é ser livre?

A Liberdade pode ser um estado de espírito. Liberdade é estar livre das correntes físicas, psicológicas, emocionais e sociais. O seu corpo pode estar livre, mas sua mente não e vice e versa. A liberdade deveria ser para todos! Mas será que é? Nem todo escravo é liberto! No dicionário a palavra liberdade diz: grau de independência legítimo que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. Valor supremo? Vivemos em uma sociedade que nos oprime pela nossa cor, pela nossa condição social, pelo nosso gênero e por nossa orientação sexual.

Você se encontra livre?

Eu não nasci livre, eu me libertei na jornada da vida. Deixar pelo caminho suas amarras é um processo que leva tempo, dor e muito sofrimento. Eu me abraço e me acolho e me dou o perdão de todas as vezes que eu quase me destruí, que eu não me aceitei, não me amei, para estar dentro dos padrões de moral e ética da sociedade. Eu sou livre, eu mereço estar livre porque como dizem eu não sou descendente de um povo escravo, mais sim que foi escravizado. Eu sou livre para vestir e usar o meu cabelo como quiser, eu sou livre para estudar e entrar nos lugares que eu quiser. Sou livre para ser a Natane fora de padrão preta, cabelo black, sem ser o que a sociedade impõe para mim.

Natane Vicente

Outro dia, conversando com meu esposo, ele estava relatando que estava um clima muito ruim no ambiente de trabalho. Porque existem pessoas com atitudes que ele não estava gostando, perguntei então a ele o que estava fazendo para melhorar ou cortar o clima ruim. Ele disse que nada, que estava agindo da mesma forma que agiam com ele. Minha reflexão sobre o assunto e com ele foi, se não gostamos das atitudes de alguém, não devemos fazer o mesmo, porque antes de querer mudar ou outros, nós temos que dar o exemplo e nos comportar da maneira como gostaríamos de ser tratados. E não posso mudar o meu caráter, nem a maneira que lido com as coisas, por causas das outras pessoas, pois acabo entrando em contradição. Penso em como a ação do outro não pode alterar meus valores e minha conduta.

“O mundo é redondo para que nossas verdades possam mudar de direção.”

Acredito que não existe verdade absoluta e que sempre que for necessário precisamos mudar de direção e recomeçar, se permita e esteja disposto a encarar seus medos. Sair da nossa zona de conforto, às vezes, pode ser assustador, mas muito necessário para viver coisas extraordinárias. E se tiver capacidade de encarar de frente os seus medos? E se você assumir seu poder ao invés de temê-lo?

As perguntas acima citadas me fazem refletir muito. Acho importante pensar e ver até onde nosso medo pode nos travar de viver coisas extraordinárias.

Verônica Lima

O que eu fiz com o que fizeram comigo? A vida nunca foi fácil e entendo que nunca será. Como reagir com as dificuldades e desafios que eu encontrei na jornada da vida?! Eu sempre digo que não posso desistir, desistir é uma palavra fora do meu vocabulário, mesmo escutando por várias vezes que eu não seria capaz, mas quem são essas pessoas que me falarem isso? Por que acreditar? Eu posso cair mil vezes, mas vou levantar 1001.

É como renascer das cinzas, eu pego sempre o que foi falado de ruim e transformo em motivação para crescer e evoluir. As minhas marcas e cicatrizes estão aqui. E vão sempre estar aqui, mas elas me fizeram se forte, elas me formaram na faculdade da vida. É tão pesado e doloroso você ESCUTAR de quem você mais ama que não vai dá certo, e você vai lá e faz dá certo, não como maneira de provar que você pode, mas você faz porque você sabe que pode fazer.

Apreendi a não me vitimizar, a não pegar leve comigo, aprendi na vida que eu devo ser quem sou e quem eu quero ser, que a opinião dos outros são deles, que a violência gratuita deles, diz sobre eles e não sobre mim. E que eu sempre vou ter que me amar, me respeitar, me acolher porque ninguém pode fazer isso por mim. Que o racismo está em todos os lugares, que o ódio vem de graça, os inimigos também, e que eu preciso pegar todos os meus pedaços e descer para arena.

Porque como no jogo e na vida eu preciso acreditar sempre que vai dar certo, que eu sempre posso lutar. Palavras de ódio e soberba eu já escutei, na época que não tinha faculdade, que era inferior por isso, eu respondi para minha mesma que nunca mais iria ouvir isso, e fiz minha faculdade, contrariando as estatísticas de que mulher preta tem é que lavar privada e limpar bunda de criança branca, que mulher preta não pode ter papel de destaque. Transformar o ódio, a raiva e os sentimentos que você nem sabe direito o que é.

É uma luta diária para você se colocar no mundo, então ter o estereótipo que eles te colocam de preta raivosa. Reagir para resistir, para sobreviver na selva de pedra, na selva da vida, da vida que preciso viver, cansada, mas resiliente. Superando as dores dessa longa jornada de luta, dor e sofrimento, mas com um pouco de alegria, porque se a vida não tiver alegria ela perde o sentido. Eu não me tornei o que me falaram. Eu me tornei o que eu sempre sonhei. Eu sou orgulhosa de quem eu sou! Mulher preta com muito orgulho!

Natane Vicente

Quanto tempo me apaguei, me anulei, me formatei.

Diastema, lábios carnudos, nariz amassado, marcas de uma ancestralidade, afro real e de raiz.

Raiz bantu, de olhos puxados, maçãs do rosto protuberantes e lábios naturalmente desenhados e exuberantes.

Uma cara negra, preta, retinta, linda, carregada de ancestralidade, memórias doces e amargas.

Leticia da Hora

No começo foi bem difícil porque eu não sabia o que sentia em relação a minha sexualidade. Eu comecei a descobrir melhor o que sentia depois que comecei a jogar bola. Comecei a sentir atrações por mulheres, no começo eu achava aquilo bem estranho, mas depois fui me descobrindo e fui me sentindo melhor em relação a isso. Nunca assumi, de precisar falar, pra ninguém sobre minha sexualidade, até hoje não assumi. Pra minha família foi de boas, mas nunca perguntei pra eles o que eles achavam relação a isso. Pra sociedade eu tinha um pouco de vergonha de falar sobre isso, mas com o tempo foi passando isso foi ser tornando mais tranquilo na minha vida até hoje.

(Anônima)



**EU PRECISO
DIZER QUE
TE (ME) AMO**

No primeiro olhar,
posso dizer que me apaixonei por você.
Pelo perfume que deixava no ar ao passar,
por como meu coração acelerava,
pela maneira como brincava com meus sentidos,
aguçando meu instinto,
despertando em mim sentimentos distintos.

Me fez temer um novo caminho,
no qual eu me via como um peregrino.
Mas me enganei sobre o meu destino,
fugindo daquilo que eu julgava perigo.

Nem os teus braços me serviriam de abrigo,
pois o que carrego em meu peito
hoje se tornou meu inimigo.

Como confessar isso?
Talvez eu não consiga.
Vivo fugindo de tudo que sinto,
mesmo sabendo que meu coração
está entrelaçado ao seu.
E ainda assim, desejo apenas uma coisa:
que não me diga adeus.

Ana Cruz



1992



Uma carta de amor para o amor da minha vida:

Mãe! Já começo essa carta te pedindo desculpas, por não ter compreendido todas as suas dores na sua passagem aqui na terra. Eu sei que você me amou, que cuidou, se dedicou, mas sei também que você me machucou, me fez sentir dores, tenho marcas até hoje, e tudo bem eu te perdoou por tudo isso. Será que você me perdoa?

Eu não sabia e não entendia tudo que você sentia e que passava, opressão, violência, racismo, cobranças, raiva, ódio, dificuldades. É mãe, hoje eu sei o que é ser uma mulher preta, você sempre foi muito correta, sempre foi uma mulher Guerreira, mas será que você precisava passar por tudo que passou?!

Acordava cedo, saía a pé andava uns 10 km, ia pro trabalho com sua bolsinha do lado, suas saias indianas que você amava, chegava no trabalho, ralava, lavava privada, cuidava do filho da patroa, fazia comida, passava roupa atendia o telefone, ia ao mercado, limpava, levava o filho da patroa na escola, depois voltava, no meio disso tudo já tinha lido o jornal

Era um hábito seu ler o jornal diariamente, você reclamava precisar ir ao médico para fazer um, óculos, e para falar a verdade nunca te vi usar óculos. Talvez o dinheiro não tenha dado, né?! Você era bem baixinha, corpinho sequinho, toda ligada nas coisas naturais, já não comia mais carne, hoje sei que você seria vegana!

Era um hábito meu passar diariamente no seu trabalho, ora era para te ver, ora para te ajudar e outras eu era obrigada, porque você me ensinava valores que eu jamais poderia aprender, se não fosse com você. Eu lavava a privada, recolhia a roupa e levava para lavanderia, quantas vezes eu dormir lá na dispensa do seu trabalho, quantas vezes eu entrava no banheiro da empregada, e ficava lá. Não era porque eu não poderia ficar em outro lugar, mas você me pedia para não fazer barulho ou coisa assim. Fui criada no seu trabalho, cheguei nele tinha uns 6/7 anos. Quando você partiu para o Orún eu tinha 17/18 anos.

Quantas vezes você me viu queimar em febre e teve que dar atenção ao trabalho?! É mãe, eu imagino como devia ser difícil, você com suas crises de asma tendo que trabalhar, me lembro de quantas vezes eu ia comprar seu remédio. Sabe mãe, eu não tinha dimensão de tudo

que você passava, eu era meio tapada, tosca criança do interior, mas eu sempre entendi que a violência que meu pai te proporcionou nunca foi correta, por muitas vezes eu ODIEI meu pai, por ele te bater, dele te ferir, por quantas vezes eu chorei por não conseguir te tirar dali.

O tempo foi passando e você foi se anulando, se apagando, se fechando e se entregando, seu sorriso já não era o mesmo, será que tantas crises de Bronquite eram só bronquite ou tinha a ver com ansiedade, com depressão com tristeza?! Você ficou triste, eu não conseguia mais enxergar o brilho nos seus olhos, e você sempre me dizia: “Jamais deixe alguém apagar seu “Brio” “. Vou tatuar essa frase em breve. Falando em tatuagem, eu tenho algumas e umas delas são para te homenagear, porque sabe lá o porquê no seu leito de hospital eu não falei que te amava.

Você não sabe o quanto isso me custa até hoje, o quanto isso martela na minha cabeça, eu deveria ter dito que te amava, por isso tenho isso tatuado na minha pele “Mãe eu te amo”. Mas voltando a falar de você como eu me orgulho de ter tido uma mãe como você, uma mãe íntegra, correta, leal que tentava me dar a melhor educação, mesmo tendo só até a oitava série. Que aprendeu no trabalho como doméstica, tal como a sua patroa fazia com a filha, a me incentivar a leitura de livros, e hoje eu sou bem articulada porque as vezes em que eu ficava lendo e falando na frente do espelho me treinaram para vida.

O ano era 2006, início dele, precisamente janeiro, segunda semana, dia sete, um sábado, você me disse que não estava legal, meu pai iria viajar, vocês eram separados de corpos a um tempão, eu tinha que ir buscar um dinheiro com ele, sair de casa, logo em seguida o meu celular tocou e era você. Achei estranho você falar que queria ir também, e assim fomos, você se encontrou com ele e se despediu dando um beijo na boca! Achei estranho, mas tudo bem, fomos para casa. Você chegou sentando e me disse assim: Eu vou morrer, e você vai ficar por aí, falou brevemente coisas que poderiam acontecer comigo, que na real aconteceram...

O sábado acabou e eu dormi no seu quarto. Domingo amanheceu e você disse que não estava bem, fomos pro hospital, você passou o dia todo lá, a bronquite estava atacada, febre alta, muita falta de ar, você foi medicada e liberada. A noite fomos para casa, não ficamos três horas em casa e você pediu para voltar pro hospital. Assim foi feito

e você nunca mais voltou para casa, uma semana depois você partiu, eu lembro como se fosse hoje das suas últimas palavras: Dr. não me deixa morrer, pela minha filha. E eu não disse que te amava.

Então mãe, de onde você estiver receba essa carta, com carinho e amor, eu me tornei uma mulher FODA, passei por uma estrada longa, mas eu consegui, infelizmente a nossa casa foi vendida pelo meu pai, prometo comprar ela novamente um dia, mais hoje eu comprei a minha, fui embora de Friburgo me formei em Educação física, fui jogadora de futebol, dei entrevista, lembra que eu falava que daria entrevista?!

Tudo isso aconteceu. Eu fui para a Europa você acredita?! Nossa foi tão especial, fui 3 vezes, como gostaria de ter você aqui para viver esse momento na minha vida. Então mãe, fica bem aí! Que eu tô bem daqui, obrigada por eu ser sua filha, obrigada por ser muito parecida com você. Espero que você saiba que eu sempre te amei e te amo eternamente.

Mamãe morada eterna no meu coração!

Natane Vicente



**NA ÁGUA
TEM COLO**

Mãe,

Na verdade, sem olhar a foto não consigo lembrar da cor dos seus olhos, porém consigo sentir quando me olha, um olhar de cuidado, uma ternura e um cansaço de um olhar preocupado o tempo todo! De fato, não conseguir lembrar da cor. Isso me assustou e me fez refletir, assim como diz o conto de Conceição Evaristo, preciso buscar e fixar meu olhar no dela, para quem sabe nunca mais me esquecer.

Verônica Lima

Na cor dos seus olhos. Os seus olhos tinham cor de mel, de mel, mas não eram doces, às vezes, eles eram feito brasa, feito fogo. Ternura? Talvez, mas tinham amor, e não era só dor, a dor que um dia foi amor; amor que me fez te amar. E nas minhas lembranças eu tento te encontrar para sempre te amar. Amar pra sempre te honrar, para sempre te respeitar, para sempre te levar, levar para onde eu for e para sempre te amar. Na cor dos seus olhos eu tento me inspirar, e não posso negar que sinto falta do seu olhar para me guiar.

Na cor dos seus olhos.... Na cor dos meus olhos.

Natane Vicente

O cheiro de maresia, esse cheiro úmido, que é agradável e vem como a brisa do mar. Na verdade, nunca entendi essa admiração e essa paz que sempre senti em relação ao mar. Mas, esse cheiro de maresia tem o cheiro do meu pai, que morreu quando eu tinha 5 anos. O mar é a minha memória viva do meu pai, que com meus 4 anos me ensinou a nadar na praia das Dunas-Cabo Frio, aonde morávamos até ele falecer. Logo após seu falecimento, tivemos que ir morar com meus avôs em Tanguá, pois na época, minha mãe sozinha com dois filhos, eu de 5 anos e meu irmão de 6 anos, e ela era dona de casa, então não teve condição de se manter ali sozinha. Tive uma infância muito feliz e cercada de muitos amigos, lembro que ali gostávamos muito de jogar queimado e a rua toda jogava e se reuníamos sempre depois das 17:00 e passávamos horas jogando e brincando.

Verônica Lima

Salve meu pai ogum de vermelho e branco com sua espada de São Jorge.

Ogunhê meu pai!

Salve o mar com seu cheiro e sua maresia. Salve minha mãe Iemanjá.

Salve a vida!

Falando em vida, lembrar da minha infância, como era bom brincar de pique esconde, com minha fiel amiga, minha cachorrinha Nina.

A vida é algo lindo, e lembrar de cheiros, sensações e sabores, me traz a memória afetiva, de saudade, saudade dos domingos na casa dos meus avós, a chuva caindo e subindo aquele cheiro de terra molhada.

Salve a vida!

Dos churrascos com meus pais, de uma família feliz.

Salve as lembranças de uma infância que foi feliz.

Salve a vida!

Salve os amores e as lembranças que o vermelho me traz.

Salve o amor!

Salve meus guardiões!

Salve meus Orixás!

Salve a vida de quem eu amo.

Salve os meus ancestrais.

Salve a minha vida!

Natane Vicente

Quando criança vivi muitos momentos felizes, posso dizer que aproveitei verdadeiramente minha infância. Após a aula já era certo chegar em casa, almoçar a deliciosa comida da minha mãe, strogonoff era a minha favorita. E depois das aulas de natação naquela grande piscina azul semiolímpica de 25 m e das minhas obrigações como aluna, ainda tinha energia para brincar com meus patins.

Me aventurando nas descidas das ladeiras ou saltando obstáculos. Quando se é criança o medo do que é desafiador quase não existe, na verdade o desafio é a motivação.

Na fase adulta o medo nos persegue, mas não temos tanto tempo disponível para pensar sobre ele, pois os desafios são diários e precisamos vencê-los.

Nesse momento, resgato minha criança enérgica para passar pelos desafios com alegria.

Leticia da Hora



**BOAS
DE BOLA
E CANETA**



THAÍS MÁGNO DE MATOS

Mulher preta, mãe do príncipe preto Hugo, ativista e antirracista moradora de São Gonçalo e Analista de Responsabilidade Social no Sesc RJ - Unidade São Gonçalo. Sou Mestreira em Projetos Sociais e apaixonada por trabalhar com empoderamento feminino e empreendedorismo com foco em emancipação e autonomia.



CAROLINA ROCHA (DANDARA SUBURBANA)

Carolina Rocha é conhecida também como Dandara Suburbana (nome artístico/redes sociais). Uma mulher preta, de Xangô, escritora, ativista e historiadora. Pós-doutoranda em educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em sociologia pelo IESP/UERJ. Mestreira e graduada em história pela UFF. Proprietária da empresa Ataré Palavra Terapia, focada em educação, escrita criativa e literatura negra.



MARILÚCIA FERNANDES

Mulher preta, assistente social com experiências em projetos voltados para mulheres, jovens e idosas. Consultora e relatora na área de Direitos Humanos e temáticas correlatas tendo como objetivo a popularização do saber, a sensibilização para os Direitos Humanos e sua concretização. Uma escritora em construção.

MARILDA RECIOLINO

Sou Marilda Reciolino, socióloga e educadora. Amo pessoas e aprender através da convivência com elas. Estou sempre atenta aos processos de interação. Adoro dançar, cantar, fazer yoga e também correr. O esporte atravessou a minha vida através da corrida de rua; gosto do aspecto democrático que ele representa e de ver todos e todas praticando juntos apesar do desafio individual. Gosto demais de Educação e foi a partir do meu ingresso no Instituto Karanba que percebi como o futebol pode se tornar uma ferramenta essencial de socialização e de construção de uma cidadania de respeito e colaboração entre os participantes. Meu maior propósito é ter uma vida que possa transformar o que está a minha volta para melhor. Essa conquista me faz feliz e me mantém viva para continuar todos os dias!



LETÍCIA DA HORA

Mãe atípica, agrofloresteira, ativista social, produtora cultural, inventora de projetos e coordenadora do programa de gênero e raça da Associação Filantrópica Karanba.



SARA SILVA

Me chamo Sara Silva, nasci em Araruama e atualmente moro no bairro de São Gonçalo, sou filha de doméstica e pedreiro, tenho dois irmãos. Atualmente trabalho no setor administrativo e estou cursando gestão de recursos humanos, gosto de jogar bola e nas minhas horas vagas faço academia.





ANA FLÁVIA CRUZ

Mulher preta e resiliente, apaixonada pelo esporte e pela escrita como formas de expressão e fortalecimento. Entre movimento e palavras, sigo me descobrindo como uma escritora em construção.



NATANE VICENTE

Venho do interior do estado, mais precisamente de Nova Friburgo, sou uma mulher preta valente, guerreira, filha de Ogum, que desde cedo aprendeu a lutar pelos seus objetivos. Minha mãe foi minha maior inspiração, e por isso sempre acreditei que era possível vencer os desafios. Usei o futebol como ferramenta de transformação social, driblei as adversidades, hoje sou treinadora de futebol, formada em Educação Física. Uso minha profissão para transformar vidas! O futebol me levou para lugares que eu sempre sonhei, e escrever é um deles, sou uma escritora em formação e sempre digo que o maior gol que marquei foi com uma caneta na mão!



VERÔNICA LIMA

Mãe de primeira viagem, minha filha mudou minha história, me chamo Verônica. Aprendi desde cedo a importância do amor, sou professora de Educação Física, coordenadora esportiva do Instituto Karanba. Sou uma Mulher que vem quebrando barreiras, sou apaixonada por ajudar pessoas, minha maior qualidade é ouvir aqueles que precisam. Escrever foi um grande desafio, estou nesse processo da escrevivência.

HELLENA RIBEIRO

Sou Hellena Ribeiro, mãe do Marcelo e profissional de Educação Física. Nascida em Niterói e criada em Belém/PA vivi uma infância ativa e repleta de vivências esportivas. Apaixonada pela dança e pela arte do movimento, hoje atuo na área da musculação e estou estreando como atleta de fisiculturismo.



LAYZA CRISTINA

Eu sou Layza Cristina Rosa Leandro, apaixonada por animais e futebol. Sou uma mulher preta, extrovertida e carismática. Amo jogar futebol, sou de Itaboraí, estou cursando faculdade de Educação Física e tenho dois irmãos.



KARINE JUVINO DE OLIVEIRA

Menina guerreira com muitos sonhos a se realizarem! Uma estudante de Fisioterapia que está atrás da sua profissão dos sonhos! Que vem de uma mãe guerreira, que sempre lutou para dar o melhor aos seus filhos.





JADE MEDEIROS

Sou Jade Medeiros, poeta, coordenadora editorial, tradutora e revisora de livros, adoro chá preto sem açúcar e sou humana de dois gatos pretos.

Participo do Laboratório de Narrativas Femininas como coordenadora editorial das coletâneas.



YAYA FERREIRA

Yaya Ferreira, 27 anos, nascida em Vicente de Carvalho, zona norte do Rio. Bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ e designer gráfico. Com obras que transitam entre as mídias tradicionais e contemporâneas, como o graffiti e a ilustração digital. Dentro das diferentes mídias, concentra suas pesquisas em retratar pessoas pretas, aos que lhes é comum e suas particularidades, dentro do cotidiano, da espiritualidade, estilo e entrecruzamentos. Seu trabalho dialoga com a cidade e os indivíduos, principalmente as mulheres de sua família carnal e ancestral e com seus afetos. Expôs em espaços como o Museu de Arte do Rio, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Paço Imperial, Sesc Itaquera e realizou murais em eventos como o Galeria Providência e Encontro Delas, Minas Gerais.

NOSSAS NARRATIVAS

Quem está por trás do Sesc MP – Mulheres Plurais.



**Por Luiza Matheus,
Analista de Responsabilidade Social
Sede / Sesc RJ**

Mulher/mãe/filha, encorajadora de todas as formas de liberdade. A escrita entra na minha vida ainda adolescente como sonho de escrever para cinema, escrever roteiros e tudo que o universo pode oferecer.

Me formei em 2005 na 1ª turma de roteiro para cinema pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro e posteriormente ingressei na faculdade de Serviço Social, sempre vislumbrando a possibilidade de unir literatura, escrita e expressões da questão social.

A entrada no Sesc RJ em 2018 retoma essa possibilidade do exercício de pensar a escrita e principalmente reconectar o cinema, a literatura através da atividade Ciclo de Diálogos - Diáspora e Migrações - um convite para escritores, historiadores e artistas para pensarem o fenômeno do deslocamento e migrações forçadas, seja por questões relacionadas a violações de direitos, guerras, desastres ambientais e outros.

Em 2022 ao assumir a liderança do projeto Sesc Mulheres Plurais, pude retomar este movimento e ainda impulsionar novas escrevivências através do Laboratório Sesc de Narrativas Femininas.

Escrever no tempo presente é retomar ao do subúrbio do Rio de Janeiro, e me permitir reencontrar a jovem escritora que eu fui. De lá para os dias atuais sigo em um exercício constante de escrita. Nem sempre confortável, porém é através da escrita que imprimo todos os sentimentos mais profundos que ecoam do meu coração. É também através do exercício da escrita que estabeleço conexões, me aproximo diariamente das mulheres que fazem parte da equipe do projeto Sesc Mulheres Plurais.

A esse grupo agradeço, acolho e sigo constantemente aprendendo.



**Por Tathiana Valente,
Analista de Projetos Sociais
do Sesc Copacabana**

Mulher, que a cada dia descobre um pouco de suas novas versões possíveis.

Filha de Edna e Custódio, neta de Iolanda. Acredito que eu tenha sido criada para ser forte. De alguma forma, preparada para a vida.

Posso dizer que as experiências junto ao Laboratório de Narrativas Femininas, desde 2021, me trouxeram desembrutecimento.

Me enxerguei inúmeras vezes no compartilhar das histórias das muitas mulheres que passaram pelo Lab. Vi a mim, vi minha mãe e minha avó. São as minhas referências matriarcais de fortaleza. Mas também aprendi que posso ser brisa leve.

Minha mãe me escrevia cartas e costumava narrar cada acontecimento. Seja através da escrita, ou da oralidade. Quem não se lembra dos rádios toca-fitas? Ali, me lembro de muitas primeiras histórias. Minhas primeiras palavras. Das primeiras brigas na escola. Da primeira mordida no coleguinha. Da primeira música cantada da novela Fera Ferida. A oralidade e a escrita de minha mãe permitiram e permitem que minha memória não morra.

Hoje, sei que não caminho só. Ambas me olham e me guiam do mais privilegiado lugar.

Caminho junto a elas, me vejo em muitas e, a cada nova oportunidade, descortino-me, refaço-me e me ponho a dançar com a vida.



Por Bárbara Bizarro
Analista de Projetos Sociais
do Sesc Barra Mansa

Mulher, mãe – matriarca, sonhadora, uso a criatividade para tornar a jornada mais leve.

Nessa breve reflexão sobre a escrita vem a lembrança dos diários da infância, das brincadeiras de professora e as aulas ministradas em quadro de giz aos meus primos mais novos. Na adolescência, ela tornou-se obrigação, elitista, por vezes, inalcançável nas aulas de redação do ensino médio.

De alguma forma, eu sempre soube que minha forma mais sensível e intimista de colocar meus sentimentos era mediado por palavras, papel e caneta. A maternagem e o puerpério confirmaram, a escrita me salvou e me salva diariamente.

O Laboratório de Narrativas Femininas veio como um presente às vidas que ali estavam, e a mim também. Eu não racionalizava o que escrevo acima, eu realmente acreditava que escrever não era para mim, precisava ser inteligente, precisava ser além. Aos poucos fui sendo imersa no conhecimento palpável, nas poesias, na voz e na simplicidade. Todo esse processo e o produto final, talvez, estivesse num sonho nunca sonhado por muitas, num sonho de menina que escrevia diários ou na realidade de uma mãe recém-nascida. E aqui estamos, rodeadas de mulheres, realizando, concretizando e celebrando. Costumo dizer que mulheres salvam mulheres!



Por Thais Magno
Analista de Projetos Sociais
do Sesc São Gonçalo

Mulher preta, mãe, esposa e apaixonada por ser e estar livre no Mundo. Nunca fui muito da escrita, na verdade, me sentia reprimida por ser uma pessoa com muitas camadas. E talvez por isso nunca tenha conseguido resumir quem eu sou em palavras. Foi um maravilhoso exercício de aprendizagem realizar o projeto “Laboratório de Narrativas Femininas” e conseguir expressar em texto não apenas quem eu sou, mas também os sentimentos que me impactam na jornada aqui nesse plano. Sou uma mulher dita como forte, afinal, na sociedade patriarcal machista e racista na qual vivemos, todas nós, mulheres, e mais ainda as mulheres pretas, fomos moldadas para dar conta de tudo e não demonstrar fraqueza. Ao longo da vida, performamos essa força para sobreviver, conquistar espaço e direitos que nos foram negados para simplesmente podermos existir, falar ou mesmo pensar. Contudo, nesse projeto eu consegui encontrar beleza em ser vulnerável, porque eu sou, e no fundo todas somos. Foi lindo descobrir a força da minha fraqueza e aprender a respeitar mais essa parte de mim, assim como todas as partes que compõem o todo que eu amo em mim. Através do projeto Mulheres Plurais, tive a oportunidade de encontrar versões de mim que eu não conhecia, e isso me impacta a cada instante. É sobre isso que o projeto trata, sobre se encontrar de várias maneiras diferentes, aceitando todas as nossas versões com acolhimento e amor. Afinal, somente cada uma de nós sabe o que nos atravessa a alma e como lidamos com cada um dos passos dados no caminho, e está tudo bem em constantemente mudar, se reinventar e se descobrir. O devir é processo, e o processo é quem nós verdadeiramente somos, então neste momento, eu sou apenas eu: THAÍS.



UNIDADE SESC SÃO GONÇALO



WWW.SESC.RIO.ORG.BR

@SESCSAOGONCALO

